**SÃO ROQUE OU OBALOAÊ? O SANTO E O ORIXÁ JUNTOS NO MESMO ALTAR.**

 Ânila Teresa Santana Fratelis¹

Mestranda em história- UEFS, Feira de Santana-Ba, Brasil.

anilla144@gmail.com

***Resumo:*** *Os fiéis Católicos de Queimadas se relacionavam com o sagrado principalmente a partir do culto aos Santos, entidades como Santo António e São Roque são emblemáticas dentro da comunidade, recebendo uma série de louvores, cantos e oferendas. A partir dessas devoções aos santos que os leigos da comunidade disputavam seu espaço dentro do campo religioso católico, mobilizando seus conhecimentos sobre rezas, louvores e práticas terapêuticas. Esses homens e mulheres conquistaram um espaço no campo religioso local, mantendo relações de proximidade com o universo religioso afro-brasileiro, de maneira que em muitos momentos estes associavam, com naturalidade, os Santos Católicos aos dos Orixás. De forma criativa e natural esses fiéis se relacionavam com o universo mágico- religioso de tradição africana, mas ao mesmo tempo, seguiam as doutrinas do Catolicismo oficial, tentando se afastar, ao nível do discurso, tanto quanto possível das religiões afro-brasileiras. Ainda tratamos de maneira mais enfática, das relações de interpenetração entre o catolicismo e as religiões afro-brasileira a partir das devoções de São Roque e do Orixá Obaloaé, analisando como os fies estabeleciam as relações entre essas duas entidades sagradas, bem como pensando brevemente, sobre qual espaço cada uma dessas devoções ocupava no imaginário desses sujeitos.*

**Palavras-Chaves***:* *Culto aos Santos; Obaluaé; São Roque*.

**Abstract:**

*The Catholic faithful of Queimadas related to the sacred mainly from the cult of saints, entities such as Santo António and São Roque are emblematic within the community, receiving a series of praises, songs and offerings. From these devotions to the saints the laity of the community disputed their space within the Catholic religious field, mobilizing their knowledge about prayers, praises and therapeutic practices. These men and women conquered a space in the local religious field, maintaining relations of proximity with the Afro-Brazilian religious universe, so that in many moments these naturally associated the Catholic Saints with the Orixás. In a creative and natural way these believers were related to the magico-religious universe of African tradition, but at the same time, they followed the doctrines of official Catholicism, trying to distance themselves, at the level of the discourse, as much as possible of Afro-Brazilian religions. We also deal more emphatically with the relations of interpenetration between Catholicism and Afro-Brazilian religions from the devotions of Saint Roque and Orixá Obaloaé, analyzing how the fies established the relations between these two sacred entities, as well as briefly* thinking, about which space each of *these devotions occupied in the imaginary of these subjects.*

**Key-words:** *Worship of the Saints; Obaluaé; São Roque.*

1. **Introdução.**

Governador Mangabeira teve sua formação cultural e religiosa construída de maneira plural e bastante diversificada, e isso se deve ao espaço geográfico e ao contingente populacional do local. Situada no Recôncavo Sul da Bahia, essa cidade recebeu forte influência das populações indígenas, dos homens e mulheres africanos, que foram escravizados como mão de obra na produção açucareira e fumageira, além da influência dos europeus, de forma mais particular, os portugueses. Essa ampla diversidade de povos e culturas contribui para que a religiosidade da cidade fosse construída a partir em uma série de imbricamentos religiosos, principalmente entre o catolicismo e as religiões afro-brasileiras.

Aqui nos dedicaremos de maneira mais especifica a pensar como o catolicismo e as religiões afro-brasileiras se inter-relacionaram durante os anos de 1970 a 1990 na comunidade rural de Queimadas. O ano de 1970 foi estabelecido com marco inicial por ter sido o momento em que a cidade de Governador Mangabeira recebeu sua Paróquia, e logo após, o acompanhamento mais próximo de um pároco, já o marco final em 1990, nós permite o acesso a um maior quantidade de fontes orais, além de abarcar o período em que a capela da comunidade de Queimadas estava passando por um processo de reforma, em que recebeu como padroeiro Santo António.

Não podemos deixar de pontuar que Queimadas é uma comunidade rural que se localiza a em média 4 km do centro de Governador Mangabeira e teve seu aporte populacional formado, majoritariamente, por trabalhadores e trabalhadoras negros e negras que se declaram católicos. A comunidade supracitada acabou absorvendo uma série de práticas que são próprias de um catolicismo popular, tais como uso de folhas nas práticas de cura, culto aos santos e procissões. Esses elementos observados no catolicismo local vão de encontro ao processo de romanização pelo qual passou o País durante os séculos XVIII e XIX. De acordo com Edilece Souza Couto, esse processo objetivava distanciar o catolicismo brasileiro das superstições, mitos e crendices que circulavam no imaginário nas atitudes e práticas dos homens e mulheres católicos do período supracitado. O que almejava-se com essa romanização era aproximar o catolicismo brasileiro o tanto quanto possível de um catolicismo puro, livre de imbricamentos com outras religiões, principalmente as afro-brasileiras (COUTO, 2010). No entanto é observável que esse processo não obteve sucesso, pelo menos não um sucesso total, já que ainda hoje é possível observar a relação de interpenetração entre o catolicismos e as religiões afro-brasileiras.

Conforme Edilece Couto o culto aos santos foi a maneira que os leigos encontraram para se apropriar do campo religioso católico (COUTO, 2010, p..02). É a partir dos louvores, novenários, romarias que esses sujeitos se mostram mais ativos e presentes dentro do corpo da Igreja, eles saem do papel de espectadores e assumem o lugar de coordenadores de puxadores de rezas[[1]](#footnote-1), de organizadores de procissões e romarias, o que por sua vez é possível observar no campo religioso de Queimadas, em que os fiéis leigos assumem o culto aos santos, se apropriando dos espaços religiosos desenvolvendo uma relação com as religiões afro-brasileira.

No que se refere a metodologia nos apoiamos na História Oral. De acordo com Jacques Le Goff “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história” (LE GOFF, 1994, p.426) isto é, o fazer historiográfico tem como alicerce principal a memória. Entendendo isso, objetivamos, a partir da História Oral recuperar o que foi vivido conforme concebido por quem viveu (ALBERT, 1990, p.5) ou seja, os próprios agentes da História, relatam a partir do seu contexto social e histórico, as suas vivências e suas próprias leituras sobre ela.

No que diz respeito a História Oral, o pesquisador não pode perder de vista que está tratando de sujeitos e não de objetos inanimados de pesquisa, e enquanto sujeitos essas pessoas sentem dor, se alegram, se emocionam, sentem raiva. Sendo assim os relatos orais, vem acompanhados de uma série de subjetividades, tais como a entonação das voz, as expressões faciais, a forma com que as mãos se movimentam ou ficam em repouso. Essas subjetividades não devem ser ignoradas pelo pesquisador, elas falam o que os entrevistados não consegue expressar em palavras, o que por sua vez, proporciona uma riqueza de detalhes que a maioria das fontes não poderia fornecer.

 A História Oral possibilita ouvir os homens e mulheres que não aparecem nos documentos escritos ou oficiais, mas que não deixam de ser sujeitos ativos na construção da História. Conforme, Tania Gandon a memória oral bem como a tradição oral são importantíssimas na “consolidação da identidade cultural de grupos que participam em condições desfavoráveis dos processos econômicos e socioculturais da sociedade global em que se inserem” (GANDON, 1999, p.35-36.)

Além disso, Pierre Bourdieu nos oferecerá embasamento teórico à medida que ele entende que sistemas simbólicos representam veículos de poder que possibilitam ordem, (BOURDIEU, 2004, p.58) isto é, os agentes religiosos que trataremos aqui desempenhavam certa influência dentro da comunidade, bem como mobilizavam uma relação de respeito, o que advém do poder simbólico dos sacerdotes e agentes religiosos.

Faremos uso do conceito de interpenetração cultural de Roger Bastide para nos auxiliar a pensar as relações estabelecidas entre diferentes culturas e religiões (BASTIDE, 1985). No nosso caso especifico, pensaremos as interpenetrações culturais existentes entre o catolicismo e as religiões afro-brasileiras.

Tomaremos de empréstimo os conceitos de práticas e representações cunhado pelo historiador francês Roger Chartier, a medida que ele indica que: “As práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo” (CHARTIER, 1990, p.183). As mulheres que conduziam o culto aos santos bem como as que rezavam com folhas forjavam o seu lugar no campo religioso a partir de suas práticas.

1. **“A matança e o galo de São Roque tinha que ter, o prato do Velho”: interpenetração religiosa na comunidade rural de Queimadas.**

Apesar da comunidade ter como padroeiro Santo António e de quase sempre as rezas que aconteciam nas residências particulares serem destinadas a ele, este não era o único que recebia os louvores da comunidade. São Roque, sempre foi bastante cultuado em Queimadas, era comum haver louvores e rezas para o santo, principalmente nas residências dos seus devotos, além, de haver na comunidade, a realização de uma grandiosa procissão em homenagem a ele.

As homenagens rendidas pelos fiéis católicos da comunidade ao Santo Católico em muitos momentos se misturavam e se confundiam com as homenagens prestadas ao Orixá Obaluaê, de forma que não era raro aparecer durante a narração dos fiéis falas que começavam fazendo referência ao Santo e terminavam tratando do Orixá. Conforme Maria de Lourdes Siqueira:

Historicamente os Orixás vêm da África negra. Ali se estabeleceu a diferença entre um antepassado e um Orixá, de acordo com o culto exercido, seja ele particular ou público. O antepassado da família foi honrado pelos seus em seu próprio espaço. O Orixá transcende o círculo da família. Pertence a um determinado povo, que o reconhece como ancestral, os adeptos se reúnem ao seu redor, afim de celebrar um culto público. Os orixás têm a função de intermediário entre o grupo que representa e o Deus supremo longínquo, no qual o referido grupo acredita. (SIQUEIRA, 1998, p.42)

De acordo com Siqueira as funções dos Orixás do Candomblé se assemelham, em certa medida, com as funções dos Santos Católicos, isto é, a Igreja Católica bem como seus fiéis, entendem os Santos como aqueles antecessores, que por terem cumprido sua missão na terra, merecem ser honrados e seguidos, ao passo que a sua função principal seria fazer a mediação entre Deus e os homens, tal qual o papel dos Orixás apontada por Maria Siqueira. Esses papeis que se assemelham, contribuem para que os fiéis estabeleçam essas relações tão intimas entre os Santos e os Orixás ao ponto de em dados momentos, não conseguir separar um do outro.

Para além dessas questões, se tratando de São Roque e Obaluaê essa relação ainda se encontram quando se trata das semelhanças na história e nas funções desses dois representantes do sagrado. Isto é, São Roque nasceu na França, filho da nobreza, mas se despoja desta para viver uma vida de peregrinação, amor e cuidado pelos mais pobres, Roque viveu em uma época em que doenças infecciosas, tal qual a Peste Negra, assolavam e matavam em grande quantidade, enquanto estudante de medicina, São Roque dedica parte de sua vida a cuidar dos sujeitos infectados com a doença e em dado momento também acaba infectando-se com a mesma, para não transmiti-la, se isola em um bosque e é alimentado por um cão, até ser curado por um Anjo. Em decorrência disso, São Roque se tornou o santo protetor dos médicos, além de ser o intercessor em caso de doenças, principalmente as infecciosas. (BRUSTOLONI, 1992)

 Em se tratando do Orixá Obaluaê ou Omolum como também é conhecido, entre tantos mitos que cercam esse Orixá, todos convergem quando apontam que este era filho de Nanã, e que tinha o corpo coberto de bolbões ocasionados por conta da peste. Uma das tantas versões que é contada sobre Obaluaê pelos Povo de Santo diz que ele teria sido abandonado por sua mamãe Nanã em uma pequena gruta perto da praia, quando ela percebe que seu filho havia nascido doente, Iyemanjá ao ver a situação que ele se encontrava se compadece, cura-lhe as feridas, transformando todas elas em pipocas. Desde então Obaluaê é considerado por aqueles que são adeptos do Candomblé como o Orixá senhor da vida e da morte, aquele que tem o poder de restituir a saúde, mas também de atribuir doenças, por conta disso, ele é extremamente temido e respeitado (SIQUEIRA, 1998).

 Devido a essa intima relação com questões de saúde e doença, essas duas representações do sagrado costumam ser bastante cultuada e recorridas. A semelhança existente entre suas histórias de vida e mitos de peregrinação e cura, levaram os fiéis a estabelecer uma relação de interpenetração entre essas duas figuras. De acordo com Roger Bastide, as relações de interpenetrações possibilita trocas culturais e religiosas entre diferentes grupos, sem necessariamente, haver a sobreposição de um grupo em detrimento do outro, por conta disso, não há a necessidade de pontuar a relevância de um grupo em relação ao outro, já que essa relevância não existe (BASTIDE, 1985).

A interpenetração entre o Santo Católico, São Roque e o Orixá Obaluaê remete ao período colonial em que os homens e mulheres negros e negras sentiam a necessidade de associar suas divindades as figuras sagradas do panteão Católico (BASTIDE, 1985). Essas associações e relações sobreviveram longos anos e podem ser observadas na atualidade, inclusive na comunidade de Queimadas.

As relações estabelecidas entre os sujeitos católicos e as religiões afro-brasileira, a partir de questões como o imbricamento entre os Santos e os Orixás aparecem bem marcadas na fala dos depoentes, ao passo que estes tentam afastar suas práticas das religiões afro-brasileira, o que pode ser facilmente observado a partir da narração da depoente Rute Santana[[2]](#footnote-2), quando ela narrou que:

O que pai fazia lá era caruru, caruru de matança, só não tinha Mãe de Santo. Matança, o que é matança? Era três franga e quatro frango que fazia o caruru, para Cosme e Damião e São Roque, e o galo de São Roque, ai ia, fazia o axé, o que é o axé? Depositava tudo no chão, entendeu? Fazia aquele altar no chão e de noite fazia o caruru, vinha uma pessoa fazer. Mas não fazia com santo, não fazia com santo não (ênfase na voz), mas a matança fazia, a matança e o galo de São Roque tinha que ter, o prato do Velho.

Nessa época era assim, fazia a reza de noite depois da reza no outro dia, vinte e quatro horas era que a gente tirava o axé, como era que fazia o axé? Levantava tudo do chão, cantava, botava na mesa, ai tinha... ai tinha... agora o de São Roque ninguém mexia, ele deixava lá, depois de oito dia ia para as águas, ninguém comia, o do Velho não, isso ai eu me lembro, me lembro, me lembro.[[3]](#footnote-3)

A narrativa de Rute Santana possibilita perceber a relação intima que se construiu entre os sujeitos católicos e as religiões afro-brasileiras na comunidade de Queimadas. Durante a sua fala a depoente sentiu a necessidade de demarcar, em vários momentos, que o caruru feito pela sua família não tinha relação com as religiões afro-brasileira, por isso a necessidade de repetir constantemente e ser enfática ao declarar que durante a realização do caruru não havia a presença de Yalorixás, isto é, as Mães de Santo conduzindo o processo de matança. Essa necessidade de posicionar as práticas religiosas de seu pai em um grupo religioso que não seja o afro-brasileira, advém do lugar de marginalização, demonização e inferioridade a qual o Candomblé foi relegado durante séculos (BRAGA, 1995)

De acordo com Alaize Conceição, a formação hegemônica católica, o fato de passarem a infância e adolescência frequentando ~~a~~ missas, celebrações e introjetando, a partir dos discursos, argumentações de negatividade a tudo que se distancie da Igreja Católica (CONCEIÇÃO, 2005, p.78), levaram esses homens e mulheres a sentirem necessidade de a todo momento reafirmarem sua pertença ao catolicismo a medida que se afastam -a partir do discurso e não das práticas- das religiosidades afro-brasileiras.

Porém, há de se colocar que durante a sua narrativa a Senhora Rute Santana apresentou uma série de aspectos que não são próprios do catolicismo, mas que compõe as práticas e rituais das religiões afro-brasileiras, o próprio ritual de ‘matança’, e o ato de depositar nas águas dos rios o prato oferecido a São Roque, são elementos que indicam a pertença aos rituais praticados no Candomblé. Além disso, em alguns momentos a senhora Rute se refere ao São Roque como **o velho***.* O Velho referenciado pela depoente, é como é carinhosamente chamado pelos baianos, Orixá Obaluaê ou Omolúm (SIQUEIRA, 1998, p. 75). Como já pontuado, ambos os nomes fazem referência ao mesmo arquétipo, sendo considerado por alguns adeptos da Umbanda e do Candomblé como sinônimos, no entanto, a diferença se concentraria no fato de Omolúm ser o nome dado ao Orixá em sua versão mais venha, enquanto a nomenclatura Obaluaê faz menção a versão mais jovem desse mesmo Orixá (SIQUEIRA,1998).

Essa relação de imbricamento religioso, ou como propõe Roger Bastide, essa interpenetração cultural, em que aspectos de religiões afro-brasileira e do catolicismo se, mesclarem a ponto dos sujeitos envolvidos não conseguirem visualizar a qual dos universos sagrado pertence suas práticas, revelam as trocas culturais entre os sujeitos e os lugares que estes ocupam, isto é, não é possível que uma religião se mantenha em uma sociedade especifica sem absorver aspectos culturais peculiares dessa realidade e dos sujeitos que a compõe, sendo assim, o catolicismo de Queimadas absorveu aspectos próprios da região em que estava localizada, ou seja, o Recôncavo Sul baiano, que como apontado no primeiro capítulo, foi um espaço que recebeu muita influência da cultura dos africanos escravizados que povoaram e trabalharam nas plantações de tabaco e cana, que enriqueceram os latifundiários da região.

A devoção a São Roque na Comunidade de Queimadas pode ser observada a partir de manifestações ainda mais largas e públicas, era comum haver na comunidade homenagens ao Santo e ao Orixá no mesmo espaço. Isto é, havia na comunidade um grandiosa procissão em louvor ao Santo promovida pela reconhecida líder espiritual, a Médium Carmelita, tal procissão, não tinha nenhuma vinculação com a Igreja Católica (CONCEIÇÃO, 2014, p. 101-102), porém, ainda assim, conseguia atrair um número expressivo de fiéis[[4]](#footnote-4).

Carmelita dos Santos nasceu em 18 de fevereiro de 1920, e era vista pela população local e de territórios adjacentes como uma grande líder espiritual extremamente influente (CONCEIÇÃO, 2014, p.97), esta, costumava promover uma procissão em homenagem mutua a São Roque e ao Orixá Obaluaê que atraia grandes quantidades de pessoas.

 Conforme Alaize Conceição, a homenagem mutua a São Roque e ao Orixá Obaluaê costumava acontecer no mês de agosto e o número de participante excedia o de 500 fies (CONCEIÇÃO, 2014, p. 101). Nos depoimentos colhidos os entrevistados apontam a presença de cerca de 1000 pessoas, nesse sentido a Senhora Mundinha narra que:

Tinha a procissão todo ano, dia 16, ela era devota de São Roque mesmo, a procissão tinha muita gente, muita gente, (voz arrastadas indicando intensidade) era gente mesmo, que ela ia para o Bom Sucesso, quando o andor chegava dentro de Mangabeira, que hoje é Mangabeira, o pessoal vinha subindo a ladeira, era quase mil pessoas, olha lá se não tivesse mais, era gente. Quando voltava, quando o andor chegava aqui, nesse bequinho de Zé Brasil o pessoal vinha lá no riacho das pedras, era muita gente, gente, gente mesmo. A procissão dela vinha gente de muitos lugares, vinha gente de Umburana, vinha gente de Salvador, Cruz das Almas, Jordão, vinha muita gente[[5]](#footnote-5).

Assim como dona Mundinha indica, Dona Benedita[[6]](#footnote-6), filha de Carmelita aponta que: “as vezes o Santo estava chegando aqui e o povo ainda vinha lá no riacho das pedras”[[7]](#footnote-7) o riacho das pedras referenciado nas duas narrativas se localiza a cerca de 1 km do destino final da procissão, o que por sua vez, indica o número expressivo de participantes, bem como aponta o poder mobilizador que a Líder e Médium Carmelita possuía na cidade de Governador Mangabeira, mas também nas cidades circunvizinhas, tais como Cruz das Almas, Muritiba, São Felix entre outras.

 De acordo com as fontes orais, os participantes da procissão não eram apenas aqueles pertencentes a casa da senhora Carmelita, havia a grande participação dos católicos que acompanhavam e se faziam presentes em todos os momentos da procissão. Ainda de acordo com as fontes, ao fim da procissão era comum haver uma missa celebrada com o padre responsável pela paroquia. Faz-se necessário observar que a influência da procissão em louvor a São Roque era tamanha e mobilizava consideravelmente o imaginário dos fiéis, que até mesmo o clérigo da Igreja permitia e celebrava a missa em louvor ao Santo, que nesse caso, estava estritamente ligado a figura do Orixá Obaluaê[[8]](#footnote-8).

Apesar da devoção da líder Carmelita estar intimamente ligada com o senhor São Roque e o Orixá Obaluaê, estes não eram os únicos homenageados durante a procissão, havia presença de outras imagens e andores a exemplo de Santo Antônio, de acordo com Conceição: “as homenagens aos santos de forma pública eram importante vínculo de fé que oportunizava os indivíduos à identificação com o sagrado” (CONCEIÇÃO, 2014, p. 101), bem como os cultos públicos realizados para os Orixás constituem formas de renovar as ligações já existentes entre estes e seus filhos (SIQUEIRA, 1998, p.45). No entanto para além dessa comunhão e identificação com o sagrado promovida a partir da devoção a São Roque e Obaluaê, a procissão também constituía um espaço de sociabilidade e de interação entre os homens e mulheres que dela participavam, essa característica fica explicita na narrativa de Dona Rute Santana:

Tinha mais imagem, santo Antônio mesmo sempre estava, mas a devoção era São Roque, tinha até a música, “a 16 de agosto na terra chegou São Roque, para nos livrar dos perigos com divino braço forte.” (Verso cantando pela depoente) isso ai era música de Carmelita, direto, até Pio ainda rezava até pouco tempo, aí ela, anos e mais anos, anos e mais anos (sinal de intensidade com os dedos) todo ano, eta! era bom para a gente comer os doce e voltar, as menina tudo paquerando, era bom de mais, (gargalhada).[[9]](#footnote-9)

A devoção aos santos representou um aspecto importante da cultura e da religiosidade católica popular, o imbricamento entre os santos e os orixás também sempre foi uma característica passível de observação. Essa interpenetração entre esses dois mundo religiosos aconteciam em alguns momentos de maneira mais amena e tranquila, sem que houvesse a necessidade dos sujeitos de negarem suas práticas, no entanto, quase sempre, essa relação era concebida de forma conflituosa, isto é, com os fiéis afastando, em nível do discurso, deliberadamente suas práticas e ações do universo religioso afro-brasileiro. Lizandra Santana da Silva, ao discutir o transito religioso dos adeptos do Candomblé para as Igreja protestantes, principalmente a Universal do Reino de Deus, evidenciou a relação de repudio que os fiéis, antes pertencentes ao Candomblé, passaram a nutrir em relação a este. Silva indica que mesmo aqueles fiéis que nasceram dentro das religiões afro-brasileiras passaram a relacionar o universo sagrado do Candomblé e da Umbanda as práticas demoníacas depois de terem contato com as doutrinas protestantes a exemplo da Igreja Universal do Reino de Deus (SILVA, 2014). Esses estigmas de demonização das religiões afro-brasileira foram criadas a partir do discurso, tanto no meio católico, quanto no protestante, o que por sua vez, levava os homens e mulheres a negarem e afastarem qualquer uma de suas práticas do universo afro-brasileiro

1. **Considerações Finais**

Percebemos que o culto aos Santos ocupava um lugar de destaque no catolicismo de Queimadas, este era um espaço genuíno de fé e prática, além de compor um espaço de sociabilidades. Era a partir do culto e devoção aos santos que os Católicos da comunidade se envolviam e se faziam presente na Igreja Católica, também a partir desses mesmos cultos esses sujeitos leigos disputavam o campo religioso da comunidade, conseguindo se fazer presentes, atuantes e protagonistas de devoções e práticas rituais. Como as rezadeiras eram as responsáveis por iniciar e dar continuidade aos novenários, principal atividade religiosa da comunidade.

Ser católico em Queimadas no período estudado, estava altamente relacionado com o apego aos Santos, devoções e rituais absorvidos e ressignificados das religiões afrobrasileiras. A partir das narrativas dos depoentes foi possível notar a relação que estes estabeleciam entre os Santos e Orixás, a confiança dos fieis perpassavam por estas entidades milagrosas. A presença da líder Carmelita na comunidade, que a partir dos Caboclos, Orixás e Guias costumava fornecer receituário e indicava assertivamente métodos para resolução de problemas, principalmente problemas relacionadas a saúde do corpo, reforça, em certa mediada, a confiança que os sujeitos católicos depositavam em um outro universo religioso, naturalizado ou não assumido explicitamente.

Verificamos que a relação entre a o catolicismo e as religiões afro-brasileiras, apesar de resguardarem os conflitos e preconceitos produzidos em outrora e que foram evidenciados ao longo desse artigo, aconteciam de maneira frequente e, em certa medida, de forma naturalizada. As formas de ser católico na comunidade rural de Queimadas, foram profundamente influenciadas pelo universo indígena e as religiões afro-brasileiras, de maneira que religiosidade dos fiéis da comunidade perpassavam por esses universos religiosos, nesse sentido, ser católico, no período estudado, em Queimadas, estava altamente relacionado com as interpenetrações e imbricações religiosas dessas três culturas distintas, ao mesmo tempo demonstrando as disputas num campo religioso diversificado, mas majoritariamente Católico.

1. **Referências**

ALBERT, Verena. 1990 - **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: Contribuições a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. 2ºed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1985.

BRUSTOLONI, Júlio J. **Vida de São Roque**: peregrino de Deus e herói da caridade. Editora Santuário, São Paulo: 1992.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CONCEIÇÃO, Alaize. S; **"O santo é quem nos vale rapaz, quem quiser acreditar, acredita!" práticas religiosas e culturais nas benzenções.** Curitiba: Editora Prisma, 2015.

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de festas:** homenagem a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant´Ana em Salvador (1860 – 1940). Salvador: Edufba – Coleção Bahia de Todos os Santos, 2010.

GANDON, Tania. Palavras de Itapuã: literatura e história. In: neho-história - **Revista do Núcleo de Estudos em História Oral**. Número 1, Novembro 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

SIQUEIRA, Maria de Lurdes**. Agô Agô Lonan mitos, ritos e organizações em Terreiros de Candomblé na Bahia**. Mazza Edições, Belo Horizonte: 1998.

SILVA, Lizandra Santana. **Do axé à aleluia**: transformações no campo religioso cachoeirano (1980-2007). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana: Feira de Santana: 2014.

1. Homens e mulheres que costumam conduzir os novenários, escolhendo e introduzindo os cantos e louvores entoados. [↑](#footnote-ref-1)
2. Rute Santana, professora aposentada. Natural do município Gov. Mangabeira, atualmente moradora do município de Muritiba. Data de Nascimento: 08 de dezembro de 1958. Entrevista concedida em: 15 de dezembro de 2017 [↑](#footnote-ref-2)
3. Depoimento da senhora Rute Santana, entrevista concedida em: 15 de dezembro de 2017 [↑](#footnote-ref-3)
4. Depoimento da senhora Raimunda do Santos, apelido: Mundinha. Trabalhadora rural aposentada, rezadeira. Natural da cidade de Governador Mangabeira, atualmente moradora da comunidade do Torto no mesmo município. Data de Nascimento:02 julho de 1938. Entrevista concedida em 23 de dezembro de 2017. [↑](#footnote-ref-4)
5. Depoimento da senhora Mundinha, entrevista concedida em: 23 de dezembro de 2017. [↑](#footnote-ref-5)
6. Benedita Oliveira Conceição. Dona de casa, filha da senhora Carmelita. Natural da cidade de Governador Mangabeira, atualmente moradora da comunidade de Queimadas no mesmo município. Data de nascimento: 20 de março de 1953. Entrevista concedida em: 23 de dezembro de 2017 [↑](#footnote-ref-6)
7. Depoimento da senhora Benedita Conceição, entrevista concedida em: 23 de dezembro de 2017 [↑](#footnote-ref-7)
8. Depoimento da Senhora Nair Pereira Fratelis. Servidora pública aposentada, frequentadora das festas na casa da Senhora Carmelita. Natural do município de Governador Mangabeira, atualmente moradora do mesmo município Data de Nascimento: 31 de março de 1955. Entrevista concebida em: 16 de dezembro de 2017 [↑](#footnote-ref-8)
9. Depoimento da senhora Rute Santana, entrevista concedida em: 15 de dezembro de 2017 [↑](#footnote-ref-9)